

A MÚSICA E A MUSICOTERAPIA NA ESCOLA: SONS E MELODIAS QUE PERMEIAM O PROCESSO DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE CURITIBA.

Rosemyriam Cunha¹
Magali Dias²

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental em Curitiba. O grupo de participantes aqui em estudo representa um recorte do corpo de alunos desta instituição de ensino e que são considerados em situação de inclusão. Nesta escola, as crianças com necessidades especiais, além do atendimento pedagógico, recebem atendimento na área de psicomotricidade e atendimento em Musicoterapia. Este atendimento é feito por meio das técnicas musicoterápicas, da apropriação dos ensinamentos de musicalização e de estímulos sonoros. Os atendimentos são individuais e/ou em grupo e visa o melhor desenvolvimento físico, psíquico, emocional, social, de este ser em formação, como também mudanças positivas no ambiente escolar. O objetivo delineado foi o de contribuir para a descrição e análise dos processos e da prática musicoterápica nas escolas de Ensino Fundamental que acolhem em seu quadro alunos com necessidades especiais. Para este fim foram aplicados e analisados (protocolos de observação, elaborados para esta pesquisa, onde se registrou as reações físicas, cognitivas e emocionais dos alunos no decorrer de atividades e interações musicais). Os resultados mostraram que a música, quando elemento mediador da comunicação em musicoterapia possibilitou, para este grupo de crianças, formas abertas e alternativas de expressão sonora, afetiva e cognitiva.

Palavras chaves: Musicoterapia, Música, Inclusão.

ABSTRACTS:

This survey was conducted in an elementary school in Curitiba. The Group of participants here in study represents a cutout from the body of students of this institution of higher education and that are considered in situation of inclusion. In music therapy concept, sought

¹ Licenciada em Música, Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Musicoterapeuta, Faculdade de Artes do Paraná. Especialista em Psicopedagogia, UFRJ. Mestrado em Psicologia da Infância e da Juventude, UFPR, Doutorado em Educação, UFPR .Email: rose05@uol.com

² Bacharel em Musicoterapia pela FAP (2009), Graduada em Administração de Empresas e Especialização em Controladoria Financeira, Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas/SP; Contabilidade, Faculdade Tibiriçá/SP. Especialização em Práticas Pedagógicas, UNICEMP; Especialização em Educação e Saúde, UNIFAE. Email: magali.mgldias.dias@gmail.com.

to assist children with learning difficulties, whether with or without disabilities and/or mental. The attendance are individual and/or group and seeks the best physical, mental, emotional, social, it is in training, but also positive changes in the school environment. From the reflection regarding professional experience that six years ago she experiences the reality of inclusive school, is that if this work was planned and developed. The goal outlined was to contribute to the description and analysis of processes and practice music therapy in elementary schools in their pupils with special needs. For this purpose were applied and analyzed observation protocols, prepared for this survey, where registered physical reactions, students ' cognitive and emotional during musical activities and interactions. The results showed that the music, when element mediator of communication at music therapy enabled, for this group of children, open and alternate forms of sound expression, affective and cognitive.

Keyword: music therapy, music, inclusion.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos portadores de necessidades especiais¹ na escola de ensino regular tem sido um tema presente nas reflexões a respeito da rotina escolar. Entram nesses debates temas como a capacitação dos professores, o preconceito frente ao que é diferente e as condições gerais das escolas para receber e conviver com os estudantes em processo de inclusão (NEVES e MENDES, 2001).

Os objetivos das práticas de inclusão, de forma geral, direcionam-se para a promoção do desenvolvimento, autonomia e qualidade de vida das pessoas portadoras de dificuldades motoras, sensoriais e cognitivas. É provável que os professores passem a buscar por alternativas educacionais e terapêuticas que os auxiliem no desenvolvimento de práticas que favoreçam a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento social e afetivo-emocional dos alunos portadores de necessidades especiais, como se acredita que acontece na prática musicoterápica.

Neste sentido, as atividades que envolvem a linguagem musical, passaram a despertar interesse nas escolas inclusivas, como meios para abrir canais de comunicação entre os alunos, facilitar a apropriação de conteúdos didáticos e possibilitar a expressão de elementos psíquico-emocionais. Acredita-se que as atividades musicais podem transmitir

valores culturais e ajudar na construção de formas de interpretar o mundo e assim colaborar com o desenvolvimento global do aluno (SEKEFF, 2002).

As escolas passaram a conviver com múltiplas situações no que se refere à utilização da música. A música pode assumir o papel do recurso disparador de ações educativas como também pode ser um meio terapêutico que vise à expressão de pautas afetivo-emocionais. O uso da música na escola pode influenciar o bem estar dos alunos e a qualidade das relações de ensino-aprendizagem. As formas e maneiras pelas quais a escola faz uso da música devem ser conhecidas para que se ampliem as possibilidades de utilização de sons, ritmos e melodias nos processos de ensino-aprendizagem.

O CAMINHAR DA MUSICOTERAPIA NA ÁREA DE INCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada na Biblioteca da Faculdade de Artes do Paraná em setembro e outubro de 2008, fez-se um levantamento dos trabalhos publicados desde 1968 que se referem à Musicoterapia nas escolas, Musicoterapia com crianças especiais e Musicoterapia e Inclusão. Os trabalhos encontrados estão representados na Tabela 1, abaixo. Esta tabela mostra os trabalhos encontrados, categorizados cronologicamente, e pelo tema de relevância, autor e tipo de estudo. Essas publicações foram encontradas em anais de fóruns, revistas científicas especializadas e periódicas reconhecidos.

TEMA	AUTOR/ANO	TIPO DE ESTUDO
Música, Ed. Musical e Musicoterapia Musicoterapia, Educação Musical Especial	1) Michel, 1968/78 2) Santos, 2008	Relato de caso Tese em andamento
Musicoterapia e Educação Musicoterapia e Educação Musicoterapia e Educação	1) Santos, 1974 2) Franco, 1976/77 3) Lagares e Cupolillo, 2000	Relato de estágio Relato de caso Relato de caso
Musicoterapia e Educação Musicoterapia e Educação Especial	4) Alberton, 2002 1) Welbel, Duarte e Cavalcante, 2001	Relato de caso Relato de caso
Musicoterapia e Educação Especial Musicoterapia e Educação Especial	2) Anais V Fórum PR., 2003 3) Nascimento, 2006	Mesa redonda Relato de caso
Musicoterapia, Expressão Corporal e Educação Infantil	1) Jeandot, 1996	Workshop
Política Educacional e Musicoterapia	1) Stival, 2002	Relato de caso
Musicoterapia e Inclusão Musicoterapia e Inclusão	1) Braga, 2006 2) Gomes, 2008	Relato de caso Artigo de Conclusão de Curso
Musicoterapia e Aprendizagem	1) Brasil, 2008	Artigo científico

QUADRO 1 – Caracterização do acervo de revisão, segundo autor, ano, metodologia adotada, 1968 – 2008.

FONTE: Modelo de quadro adaptado do artigo Sexualidade e o adolescente com deficiência mental – uma revisão bibliográfica, de Olga M. Bastos e Suely F. Deslandes – Instituto Fernandes Figueira. olgab@iff.fiocruz.br

A revisão de literatura existente sobre o tema em estudo mostrou que a produção

literária que versa sobre a Musicoterapia e a Inclusão e a Musicoterapia na área de educação é escassa. Embora a Musicoterapia tenha iniciado seu campo de prática, no Paraná, no âmbito escolar, propriamente na área de Educação Especial, os registros escritos das atuações dos profissionais são raros. Esse fato leva a considerar que:

- a) a produção de conhecimento científico, os relatos de pesquisa que mostrem os dados e os resultados do trabalho musicoterápico é uma construção recente.
- b) os fundamentos teóricos e epistemológicos da Musicoterapia estão sendo estabelecidos na medida em que os estudos e investigações se ampliam.
- c) a valorização da prática da Musicoterapia depende da divulgação dos profissionais da área no que tange à elaboração de pesquisas, aplicação de metodologias de investigação, análise e registro dos dados empíricos em textos para publicação.

METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, pretende descrever elementos originados em intervenções sob a ótica fenomenológica. A fim de justificar a escolha do método fenomenológico utilizamos como respaldo o artigo do Dr. Guilherme Saramago de Oliveira da Universidade de Uberlândia, (MG) intitulado: Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico; onde o mesmo comenta que: “a fenomenologia é uma reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra” (OLIVEIRA apud BELLO, 2006:18), é a ciência dos fenômenos, sendo o fenômeno compreendido como aquilo que é imediatamente dado em si mesmo à consciência do Homem. (OLIVEIRA, 2009).

A Fenomenologia ocupa-se da análise e interpretações dos fenômenos que são vividos pela consciência, de alguma coisa ou algo estando direcionada para um objeto que esta sendo analisado por um sujeito (subjetividade). Por isto acreditamos que o “método fenomenológico apresenta consistência e legitimidade em estudos que enfatizam a experiência vivida pelo homem e sua significação”.

Para concluir, é importante ressaltar, de acordo com Martins (1992), que a trajetória do estudo fenomenológico tem a finalidade de estabelecer um contato direto com o fenômeno vivido pelo sujeito pesquisado. Para compreender esse fenômeno é necessário recorrer ao discurso, à descrição mais ampla do sujeito com o intuito de conseguir uma maior aproximação com a densidade semântica do fenômeno. Apenas um vocábulo, uma expressão, um conceito, uma definição não poderá expressar tudo o que há a ser falado em relação ao que se pretende investigar.” (OLIVEIRA, 2009)

Os dados foram construídos a partir dos fatos registrados, em protocolos de

observação organizados pelas pesquisadoras, sobre as reações de oito alunos no decorrer de interações musicais em aulas de educação musical e em sessões de musicoterapia. Toda a metodologia de pesquisa, questionários, protocolos, autorizações necessárias a realização da mesma foram enviadas ao Comitê de Ética do Instituto de Therapias e Ensino (Ibrate) sob o protocolo nº 099/2009, e aprovado em 25 de junho deste ano conforme ofício nº OF. CEP 047/09 do referido instituto. O protocolo consta de eixos relativos às reações físicas, cognitivas e emocionais destes alunos. No total foram observadas quarenta e nove sessões musicoterapêuticas e trinta e sete aulas de música. Para os fins desta apresentação estão considerados apenas os registros referentes a quarenta e nove encontros de musicoterapia.

Foram encaminhados para o atendimento de musicoterapia doze alunos de inclusão ou com necessidades especiais. Dos alunos encaminhados para atendimento musicoterápico, oito foram selecionados para esta pesquisa, por cursarem o primeiro ciclo do ensino fundamental. Deste conjunto sete são meninos e uma menina. Cinco deles cursam o 2º ano e três são alunos do 3º ano do primeiro ciclo. Do conjunto de alunos do 3º ano do primeiro ciclo, aqui observados dois estavam diagnosticados com transtorno de hiperatividade e desenvolvimento invasivo (THDI) e transtorno e déficit de aprendizagem (TDA), um foi diagnosticado com Síndrome de Down e no presente contexto foram considerados alunos de inclusão.

Os outros participantes considerados estão matriculados e cursando o 2º ano do primeiro ciclo. Destes dois são alunos com necessidades especiais (um é portador de Síndrome de Ellis-van Creveld² e outro é diagnosticado com Convulsões Febris e Hipoplasia do Esmalte dentário – Amelogênese Imperfeita³) e três são alunos de inclusão (um com Paralisia Cerebral Motora – Diplegia Assimétrica, um diagnosticado com portador da Síndrome do X Frágil e o terceiro com Transtornos Globais do Desenvolvimento - Autismo Infantil).

Ao observarmos e compararmos os dados dos protocolos de observação das sessões de Musicoterapia, com os registros da estagiária, com as Fichas Musicoterápicas (FM) completadas pelos pais, no que se refere à composição do repertório dos alunos atendidos observou-se que:

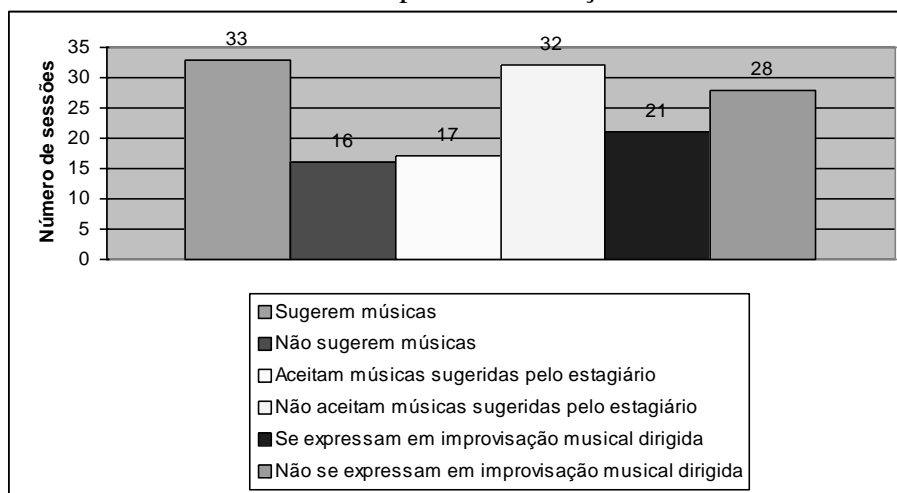
- a) Três pais e/ou responsáveis tem conhecimento do interesse musical dos seus filhos;
- b) Dos cinco restantes, três não retornaram a FM, o que não nos permitiu fazer a comparação;
- c) E dois demonstram que as crianças escutam apenas o que os pais e ou

responsáveis escolhem e não externam suas preferências, por motivos que não é possível avaliar até o momento.

Para apresentação dos dados encontrados, optou-se por mostrar os resultados dessa investigação, em imagens gráficas. Esta maneira pode facilitar a interpretação e a visualização dos fatos observados. Compreendeu-se também que o número de alunos aqui selecionados é representativo dentro do universo dessa pesquisa e a pretensão de generalizações está fora dos objetivos deste estudo. A partir destes esclarecimentos, passa-se a mostrar e comentar os dados até agora encontrados em um total de quarenta e nove sessões de musicoterapia. Seguem abaixo, comentários e imagens no Gráfico I, referentes às categorias “músicas sugeridas pelas crianças”, “expressão em improvisação musical” e “aceitação de músicas sugeridas pelo estagiário”:

- a) Sugerem músicas espontaneamente: seis alunos em trinta e três sessões observadas sugeriram músicas quer seja verbalmente, por meio de gestos ou através de comunicação alternativa⁴ (pastas de comunicação ou quadros de comunicação).
- b) Não sugeriram músicas espontaneamente: dois em dezesseis sessões, não se expressaram por vontade própria ou mostraram-se indiferentes a atividade proposta.
- c) Aceitam as músicas sugeridas pelo estagiário em Musicoterapia (EM:) três alunos se mostraram receptivos em um total de vinte e uma sessões.
- d) Não aceitam as músicas sugeridas pelo EM: cinco alunos não aceitam as músicas sugeridas pelo EM e retomam seus temas preferidos em trinta e duas sessões.
- e) Se expressam em improvisação musical dirigida: quatro participaram ativamente das mesmas e se expressam em vinte e uma sessões.
- f) Não se expressam em improvisação musical dirigida: dois não se expressaram em improvisação dirigida por dificuldades motoras e dois por vontade própria em um total de vinte e oito sessões

Gráfico I – Desempenho e Interações musicais



No que se refere aos instrumentais musicais de preferência dos alunos participantes deste estudo, observou-se que:

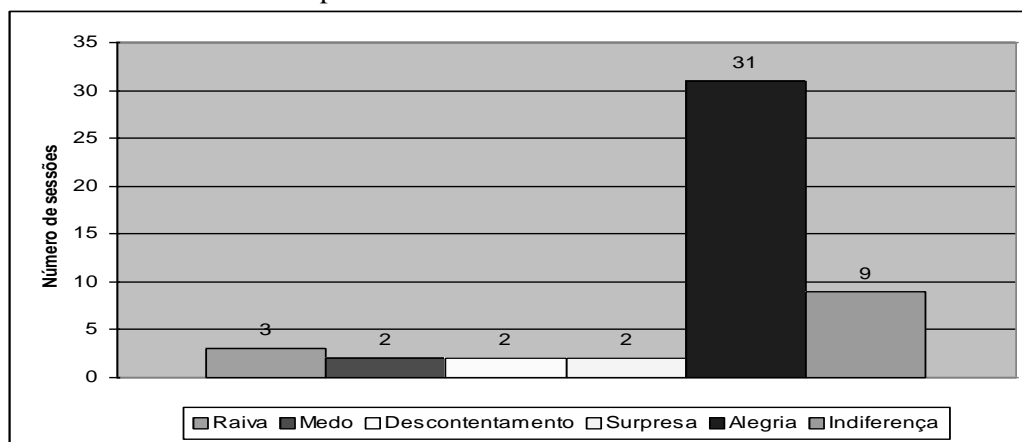
- a) quatro alunos preferem instrumentos de percussão de pele, a saber: zabumba, timba, tambores e caixas;
- b) Três preferem o teclado eletrônico;
- c) Um prefere instrumento de percussão metálico.

Manifestações Emocionais das crianças frente à Música

Foram observadas as manifestações emocionais das crianças no decorrer das atividades musicais e que eram representadas por meio de expressões faciais. Entre estas manifestações, foram selecionadas as seguintes: raiva, medo, descontentamento, surpresa, alegria e de indiferença. Constatou-se, conforme o Gráfico II, as seguintes expressões faciais⁵:

- a) De raiva: três situações nas quais a inserção da música pretendia uma ação diretiva que requeriam uma resposta.
- b) De medo: duas situações nas quais um aluno se percebeu frente à possibilidade de expressão.
- c) De descontentamento: duas situações de término da sessão de Musicoterapia em que um aluno demonstra descontentamento com o fato.
- d) De surpresa: duas manifestações um aluno por se defrontar a conteúdos significativos perante uma canção e outro aluno frente ao silêncio permitido na sessão.
- e) De alegria: na maioria das sessões (31) a metade dos alunos em atendimento em musicoterapia (4), manifestou expressões faciais de alegria na comunicação musical.
- f) De indiferença: em nove sessões, dois alunos demonstraram indiferença, onde um aluno demonstrou o baixo limiar de frustração e outro a dificuldade de acolher e/ou de se sentir acolhido quando surgem expressões, elementos de sua vivência cotidiana.

Gráfico II – Expressões Emocionais frente à Música

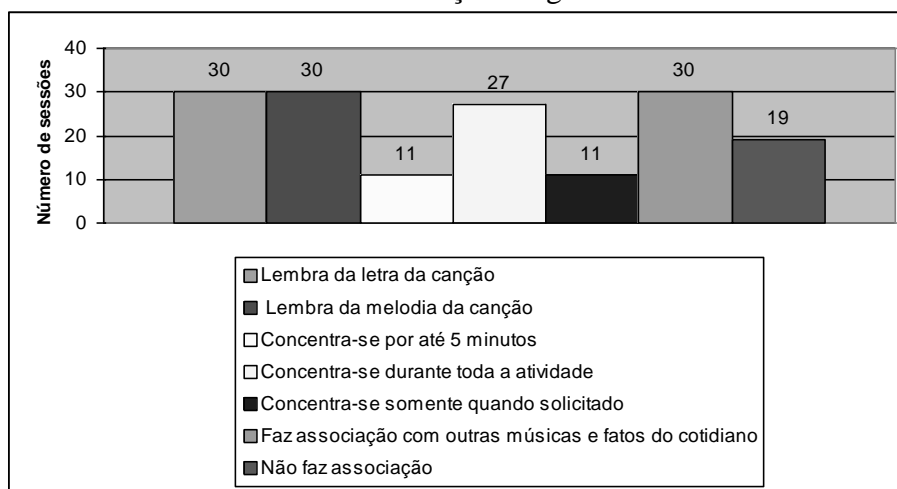


Manifestações Cognitivas das crianças frente à Música.

A seguir serão relatados os dados coletados a partir das observações feitas nas sessões de Musicoterapia no que se refere às manifestações cognitivas das crianças enquanto interagem com as músicas. As manifestações aqui relatadas encontram-se representadas no Gráfico III:

- Quanto à memória: Ao analisar o gráfico abaixo percebe-se que cinco alunos dos oito estudados, em trinta sessões lembraram-se da melodia e da letra das canções.
- Quanto a manter a atenção durante a atividade contou-se que quatro alunos em vinte e sete sessões mantiveram a atenção por toda a atividade. Outros três alunos ficaram atentos apenas quando solicitados, em onze sessões e outros dois por pouco tempo em outras onze sessões. Cabe aqui ressaltar que um destes alunos que se manteve por pouco tempo concentrado somente o fez quando solicitado.
- Quanto à possibilidade e concretização de associações entre a música, a melodia e/ou fatos do cotidiano percebe-se que a maioria dos alunos, em trinta sessões realizou associações e demonstrou tal fato através de comentários e manifestações musicais.

Gráfico III – manifestações cognitivas frente á música.



REFLEXÕES FINAIS

Neste estudo foram apresentadas reflexões sobre as sonoridades que permearam atividades de educação musical e de musicoterapia em uma na escola cuja filosofia didático-pedagógica estava norteadada pelo princípio da inclusão. A música colocou-se como uma estratégia de ação que expandiu as possibilidades de expressão emocional e da atividade cognitiva das crianças tanto nas aulas como nas intervenções terapêuticas. As análises dos

dados e dos elementos investigados revelaram aspectos singulares referentes ao grupo de alunos aqui pesquisado quando estes se manifestaram por meio das atividades musicais.

Desde o contato com os pais, na busca pela anuência para a realização da pesquisa, percebeu-se que as respostas das famílias referentes à vida musical dos alunos revelaram elementos do convívio social intergeracional. Os pais que participavam da rotina cotidiana dos filhos mostraram conhecer o repertório musical do interesse dos mesmos. Partilhar interesses musicais pode favorecer a convivência familiar já que a arte faz parte das manifestações da existência humana e revela outra forma de estar e de se expressar no mundo.

A interação familiar, a maior participação e interesse dos pais pelas atividades dos filhos também foram percebidas em situações nas quais os alunos manifestaram-se por meio de sonoridades, tais como vocalizações, percussão de instrumentos, sons guturais, ritmos e melodias, nas sessões de musicoterapia. Observou-se que, nos encontros terapêuticos, a música mediou de forma contraditória à expressão emocional de alegria e de indiferença. A alegria em ter a oportunidade de expressar-se individualmente era predominante assim como a satisfação em se manifestar através da atividade musical.

A atividade musical, por mais prazerosa que seja, desencadeia emoções individuais que permeiam o processo de criação e expressão. Essas manifestações no trabalho individual eram amenizadas através da intervenção musicoterapêutica e da sua escuta diferenciada que essa forma de interação proporcionava. As atividades musicais, no ambiente musicoterápico, propiciavam uma maior comunicação com os alunos fato que atendeu suas necessidades de validação pessoal e emocional. Esse fato proporcionou um empenho favorável na realização das atividades sugeridas ou mesmo da auto expressão musical.

Outra expressão que se destacou foi à manifestação cognitiva mnemônica. Ao mesmo tempo em que lembrar a letra das canções foi uma ação presente, não lembrar também foi uma atitude constante. Novamente vemos aqui a necessidade de auto-afirmação que estes alunos demandam, pois quando eram estimulados por meio de palavras chaves, de trechos de refrões apreendidos ou de trechos musicais tocados, a lembrança se manifestava.

Ainda referente às manifestações cognitivas, percebeu-se que as atividades musicais eliciaram nas ações musicoterapêuticas, limiares de atenção e concentração no decorrer de todo o encontro. Os alunos faziam associações das músicas a fatos de suas vivências concretas e também aos temas de outras canções. Mesmo com todas as impossibilidades e dificuldades apresentadas pelos alunos, a música mostrou-se como um elemento capaz de

provocar associações com fatos do cotidiano o que permitiu a ativação das condições cognitivas destes alunos. Esta atitude mostrou a dinâmica imaginativa desencadeada pelas atividades criativas musicais, pois nestas, o aluno se sente aliviado das pressões geradas pela expectativa de seu desempenho acadêmico.

A dimensão lúdica também confere sentido, significado às situações e vivências cotidianas, através do exercício das quatro funções psicológicas específicas: a sensação, o pensamento, a intuição e o sentimento. Esse conjunto de dimensões existenciais possibilitou que este aluno estivesse no mundo de forma mais plena, através da expressão de sua produção.

Nas aulas de educação musical os mesmos alunos apresentaram manifestações peculiares quando agiam por meio da música. Eles mais acataram sugestões de canções do que sugeriram músicas. A ausência de expressão livre em improvisações dirigidas foi preponderante. Estas manifestações mostraram que em situações grupais como nas aulas de Educação Musical ou quaisquer outras matérias contempladas no currículo escolar o engessamento deste mesmo currículo impede que os alunos tenham oportunidades de se manifestem e/ou tenham suas demandas específicas atendidas. Por outro lado nos atendimentos musicoterápicos as possibilidades expressivas individuais foram incentivadas e aceitas.

Quanto às manifestações emocionais percebeu-se que também nas aulas de educação musical a expressão de alegria se contrapôs à indiferença, conforme aconteceu nas sessões de musicoterapia. Este fato revelou a necessidade desses alunos de um atendimento mais específico para que sua participação pudesse ser mais efetiva.

Nas aulas de Educação Musical percebeu-se que manifestações de descontentamento estavam ligadas à impossibilidade de inserção na sua turma. Às vezes os alunos preferiam não participar das atividades sugeridas, para não sofrer comparações dos colegas. Em uma sala com muitos alunos torna-se quase que impossível ao professor, conceder atenção individualizada a todos. Ao se perceberem “diluídos” na turma a expressão de indiferença se faz presente nos alunos com necessidades especiais.

As manifestações de alegria foram expressas tanto nas aulas como nas sessões de musicoterapia. Esse fato deixou claro o prazer que a maioria das crianças demonstrou ao realizar a atividade musical em grupo. Por esta perspectiva a música se mostra como uma atividade que contribui para a socialização e para a realização dos processos de aceitação e

inclusão dos alunos com necessidades especiais.

Chamou a atenção o fato de que nas aulas de música os alunos de inclusão se concentravam apenas quando eram chamados à participação. Este comportamento pode ser explicado como seqüela do quadro patológico sobre o funcionamento cognitivo, ou seja, sobre o limiar de concentração que estes alunos podiam desenvolver em atividades grupais. Este indicativo levou a pensar sobre a possibilidade de que alguns alunos em processo DE inclusão possam ser acompanhados por Atendentes Terapêuticos (AT). O apoio dos ATs facilitaria o desenvolvimento do processo de aprendizagem e poderia estimular os limiares de concentração e socialização destes alunos.

O presente estudo através de reflexão e análise dos dados e dos elementos investigados revelou aspectos singulares referentes ao grupo de alunos aqui pesquisado. Entre estes se destacam os seguintes:

- a) Apesar das limitações causadas pelas diferentes patologias foi possível por meio da música o estabelecimento de pautas comunicativas e a concretização de interações e expressões pessoais.
- b) Em alguns casos a postura rígida quanto à aceitação de um novo elemento musical ao repertório prévio (músicas sugeridas pelo EM e não aceitas pelas crianças) parece ter sido relacionada com pautas do quadro patológico. Como por exemplo, a dificuldade de acatar o novo pelo indivíduo autista. Nestes casos o aluno se fixava em seus temas preferidos.
- c) Nos casos de não expressão nas improvisações dirigidas, percebeu-se que as crianças estavam impedidas de manifestarem-se por dificuldades e/ou impossibilidades motoras e cognitivas.
- d) A preferência por membranofones já relatada por Benenzon (1985) deve-se, possivelmente, às particularidades destes instrumentos como: o fácil manejo e deslocamento, a dispensa de conhecimento musical anterior, a sonoridade potente e de profundo primitivismo.

A música possibilitou ao sujeito revelar, na interação social, uma maior gama de manifestações e expressões emocionais. O ambiente relacional, a mediação pela música, a escuta e apreciação musicoterápica, proporcionaram aos alunos participantes, a possibilidade de se sentirem capazes e estimulados a expressarem elementos de sua subjetividade. Nas aulas de educação musical, embora a mediação existisse, as possibilidades de interação se viram diminuídas.

Todo este trabalho mostrou-nos que há a possibilidade da inclusão de alunos com necessidades especiais em escola fundamentais, mas não da forma documental como está colocada. Esse estudo demonstrou que para que haja uma real inclusão, faz-se necessária a predisposição social, as iniciativas positivas da sociedade como um todo. Uma maior

capacitação dos profissionais envolvidas no trabalho com essas crianças. Essa capacitação vai desde o guarda que acompanha a travessia das crianças em cruzamentos e avenidas até os profissionais de saúde, que os atendem nos Postos de Saúde, e também das auxiliares de serviços gerais das escolas, professoras, orientadoras, coordenadoras pedagógicas, pais e alunos.

A inclusão demanda uma reforma no âmbito estrutural e conceitual dos currículos, que se já estão ultrapassados na forma de avaliação. E veem-se em precárias condições no que se refere à didática a ser aplicada a esses novos alunos, também seria necessária. É preciso pensar que a partir do próximo ano letivo alunos de inclusão estarão obrigatoriamente inseridos nos bancos escolares de escolas públicas e privadas.

Esta pesquisa centrou-se nas ações musicoterapêuticas e nas atividades mediadas pela música no ambiente de inclusão escolar. A música foi o elemento principal de comunicação entre a pesquisadora e sujeitos da pesquisa. Neste sentido a capacidade de mediação do elemento artístico, no caso a música, foi capaz de manter o nível de desempenho corporal, musical e cognitivo dos alunos em um patamar favorável nas duas atividades observadas.

Através dessa pesquisa e dos dados encontrados, pretende-se que seja possível a divulgação e socialização dos conhecimentos aqui construídos. Espera-se que exista ainda, uma abertura para discussão de outros tópicos relevantes para a efetiva inserção dos alunos de inclusão e/ou com necessidades especiais. Almeja-se também, por meio deste estudo, contribuir para a valorização das manifestações artísticas na inclusão escolar como também para a ampliação da ação musicoterapêutica no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ANAIS DO ENCONTRO DE MUSICOTERAPIA DO RIO DE JANEIRO DE 2008.

ANAIS DO FORUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA DE: 1999 À 2008.

BENENZON, Rolando O. **Manual de Musicoterapia**; tradução de Clementina Nastari – Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

INFOMT – Informativo de Musicoterapia da Universidade de Ribeirão Preto nº 1 à 16, UNAERP: Ribeirão Preto, São Paulo

MENDES, Enicéia. **A inclusão de alunos com deficiência na escola regular. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial**. Almeida M. e Marquezzine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001, p. 127-126.

MENDES, Enicéia; NENES, Tânia. **Conselhos de defesa de direitos da pessoa com deficiência. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial.** Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001, p.35-52.

Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial.
Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. OLIVEIRA, Ana Maria de. **Breves considerações a respeito da Fenomenologia e do Método Fenomenológico.** Artigo publicado no site: www.fucamp.com.br/nova/revista/revista0709.pdf . Acesso em setembro de 2010.

RBM – Revista Brasileira de Musicoterapia – Ano I, nº2, 1996; Ano X, nº8, 2006 – Rio de Janeiro.

RDM - Boletim da ABM – Associação Brasileira de Musicoterapia número 8, de 1968 à 1978, volume IV; número 2, de 1974, volume II; número 4 e 5, de 1976 e 1977, volume IV – Rio de Janeiro.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos.** São Paulo: UNESP, 2002.

¹ O conceito de NEE só foi adotado e redefinido a partir da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), passando a abranger todas as crianças e jovens cujas necessidades envolvam deficiências ou dificuldades de aprendizagem.

²A síndrome de Ellis-van Creveld (também chamada displasia condroectodérmica ou displasia mesoectodérmica) é um doença genética rara. O portador possui anomalias múltiplas e nanismo. É herdada como um trato autossômico recessivo cuja gravidade varia de pessoa para pessoa.

³Amelogênese Imperfeita compreende um grupo complicado de condições que mostram alterações de desenvolvimento na estrutura do esmalte dentário, na ausência de uma alteração sistêmica.

⁴ Pastas de comunicação ou quadros de comunicação são artefatos utilizados para comunicação com alunos não falantes, mas com pouco ou nenhum comprometimento cognitivo. Estas pastas e quadros são amplamente utilizados no Método TEACH com autista e são denominadas PEC's

⁵ Alguns alunos durante a mesma sessão tiveram mais de uma expressão.